

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70
Programa António Palolo 5
22 de Novembro de 2025

OM /1977-78

um filme de António Palolo

Realização, imagem e montagem: António Palolo / Portugal, 1977-78 / Cópia: da Cinemateca Portuguesa, em ficheiro, resultante de uma digitalização do S8 original, cor, som (banda sonora acrescentada à banda de imagem original) / Duração: 96 minutos

Sessão com apresentação e seguida de conversa
com a presença de Vítor Rua e Miguel Wandschneider

A projecção de OM contará com a banda sonora original, gravada pelo grupo Telectu (Jorge Lima Barreto e Vítor Rua), na presença de António Palolo. A música original foi depois editada em 1984 no LP "Off Off" com o título "Palolo – Música para Vídeo", versão que foi agora adaptada por Vítor Rua para cobrir a duração integral do filme.

OM funciona como síntese de trabalhos anteriores de Palolo. É um filme que apela a uma ideia de cosmos e a um imaginário algo esotérico, em que imagens, que se assemelham a constelações e galáxias distantes, se cruzam com um imaginário do fogo, que nos remete para as origens do mundo. Ficamos perante uma forma circular fluida, e todo o filme reenvia para uma ideia de princípio e para uma certa transcendência do universo. As imagens são feitas de cor, luz e matéria, que o artista constrói a partir de misturas de tintas com outros líquidos na banheira de sua casa. Estamos mais uma vez perante um cinema artesanal, como acontece em todos os filmes anteriores de Palolo. Mas aqui o elemento líquido leva mais longe experiências iniciadas com **Lights** ou **Drawings**, filmes que, como este, apelavam directamente à sensação, e dois dos seus trabalhos mais longos, mesmo se não comparáveis as suas durações com **OM**.

Se em **Lights**, que iniciou em 1972 e terminou em 1976, já é claro o seu interesse pela astronomia e pela cosmologia, que marcará uma fase posterior do trabalho de Palolo, e a cor adquire um papel importante, com o artista a usar filtros de cor em certas partes do filme e toda uma série de dispositivos para captar e projectar a luz, que se imprime directamente na nossa retina. E se nos cerca de sessenta minutos de **Drawings** (1971) é impressionante a forma como trabalha uma sequência rítmica de inscrições sobre a película e desenhos riscados directamente no suporte do Super 8, que se transforma num movimento hipnótico de elevada potência visual, aqui somos projectados numa hipnose de outro tipo.

O que **Drawings** tinha de mais assumidamente físico, derivado da força com que os riscos do desenho se inscrevem na matéria da película (há as cores das diferentes camadas da mesma que aparecem nos bordos desses mesmos riscos), como que rasgando-a, numa

total abstracção, mas deixava a dada altura vislumbrar por detrás da superfície de inscrição do desenho, imagens de rostos associados a uma cultura popular – o elo de ligação com os seus primeiros filmes, que assentavam muito na animação de recortes extraídos de jornais ou revistas, misturados com formas geométricas –, em **OM**, como em **Lights**, todo este trabalho conquista uma conotação mais espiritual. Aqui, o real representado (aquele que é realmente colocado em frente à câmara, que são as tintas, mas também poderiam ser as fontes de luz de **Lights**, ou as “formigas” de outro dos seus filmes anteriores mais depurados) assume uma configuração totalmente abstracta, mas que deriva da própria apresentação das próprias matérias da pintura com que Palolo-pintor trabalha, e a que regressará depois de **OM**, dado que este filme marca o seu abandono do cinema.

E se em **Drawings**, os riscos que se faziam à força na película ganham uma força inesperada, ampliada pela projecção, aproximando-se de uma ideia de expressionismo abstracto – pensamos numa expansão da pintura, mas também no cinema “cinzelante” dos letristas como Isidore Isou e no seu **Traité de Bave et d’Éternité**, em que no início dos anos cinquenta se propunha trabalhar sobre os elementos de base da matéria cinematográfica –, reenviando simultaneamente para a tradição dos filmes sem câmara das vanguardas (os filmes pintados de Brakhage ou Len Lye), em **OM** o imaginário é cósmico. E é um imaginário que beneficia assumidamente da mesma experiência de ampliação da imagem, mas também da expansão do filme na duração, sendo este o filme mais longo de Palolo.

Mas em **OM** os líquidos criam ainda uma forma circular sempre em transformação, que nos reenvia para a importância do círculo como figura geométrica primordial na obra de Palolo. Aparecia já nas primeiras “animações”, em que as formas são sujeitas a uma metamorfose permanente, e em que a alusão a Duchamp é claramente explicitada. Como escreveu Miguel Wandschneider por ocasião da exposição dedicada aos filmes de António Palolo (*António Palolo, Os Filmes*), que organizou na Culturgest em 2012: **OM** é um “filme genésico, misterioso, em que o pensamento abstrato se transmuta constantemente no concreto da matéria, e o nível microscópico das coisas se permuta com a representação macroscópica do universo.” Não por acaso um dos últimos projectos de Palolo que envolveu imagens em movimento foi pensado para um Planetário. E sobre ele Alberto Vaz da Silva escreveu mais tarde: “Juntos concebemos em 1981 para o CNC no Planetário Gulbenkian uma noite de estrelas, com música de Bach, Keith Jarrett e Michael Snow; chamámo-lhe **O Ah! Das Coisas** mas para além dos nomes ficou o entusiasmo todos os dias renovado de darmos novo uso àqueles aparelhos estafados de repetições escolares. Imaginámos o desembarque num satélite de Júpiter, enchemos o céu de meteoros e cometas, pusemos a abóbada a girar a um ritmo vertiginoso que colava o espectador à cadeira. Foi na época em que ele realizou o **OM**, filme-pintura que uma noite estreámos numa torre de paredes brancas onde todos os meses aconteciam meditações à hora da Lua Cheia.” Um filme-pintura, que sucede a um filme-desenho, anunciando a possibilidade de muitos outros filmes.

Joana Ascensão